


Editorial

Morfologia urbana: reflexão e prática urbanística

Renato Leão Rego 

Gislaine Elizete Beloto 

Karin Schwabe Meneguetti 

Editores da Revista de Morfologia Urbana



<https://doi.org/10.47235/rmu.v10i1.253>

O volume 10 inaugura o trabalho dos novos editores da Revista de Morfologia Urbana (RMU). Esta tarefa ganha uma responsabilidade maior diante dos feitos da equipe editorial que nos antecedeu. Eles foram muitos, e valiosíssimos. A revista cresceu, se consolidou e ganhou qualidade. Registramos aqui nossos agradecimentos e nosso reconhecimento.

Entendemos que a morfologia urbana se apresenta como ferramenta, método e objeto de estudo, e tangencia campos diversos da reflexão e da prática urbanística. Das tradicionais abordagens reconhecidas, como as escolas italianas e inglesas, aos novos contornos morfológicos que se desenham em pesquisas contemporâneas, destacamos o meio ambiente e a região como indissociáveis da forma urbana e, portanto, objetos da abordagem morfológica. E saudamos a ampliação do escopo da morfologia: da perspectiva analítico-descritiva da relação entre forma urbana e tempo para a perspectiva propositiva diante dos desafios urbanos atuais.

A Revista de Morfologia Urbana manterá as publicações de artigos que abarquem as pesquisas da comunidade lusófona. Também buscaremos apresentar diferentes vieses e experiências relacionadas à morfologia urbana através da seção Perspectivas. Iniciamos com o texto de Vera Tângari, intitulado “Os sistemas de espaços livres como instrumento de leitura da morfologia urbana e suas implicações sócio ambientais no Município do Rio de Janeiro”, que relata pesquisas sob sua liderança, com foco nos espaços livres e sua inserção na forma urbana.

Os conceitos e interpretações basilares da morfologia urbana devem ter seu espaço reservado em artigos que serão traduzidos em cada edição da Revista. Além de ampliar o

conhecimento, com as traduções pretendemos equalizar os conceitos na língua portuguesa. Desse modo, esta edição traz a tradução do artigo “A epistemologia da morfologia urbana”, de Brenda Scheer, originalmente publicado em inglês no volume 2 da edição 19 da revista *Urban Morphology*. Nele, a autora sistematiza as escolas de pensamento e a prática da morfologia urbana, considerando similaridades e diferenças no entendimento dos métodos, na geração de conhecimento e nos critérios de validação, e apresenta um esquema epistemológico muito útil para o entendimento do campo.

Conforme mencionado, os artigos publicados na seção Aberta dizem muito sobre os fenômenos que estão sendo pesquisados. Neste sentido, a caminhabilidade e os atributos da forma urbana permeiam dois artigos derivados de estudos liderados por Milena Kanashiro. O primeiro, de Maria Luiza Gouvea da Costa, Larissa Casaril da Fontoura, Ana Luiza Favarão Leão e Milena Kanashiro, “A caminhada por diferentes propósitos: um estudo na cidade de Cambé-PR”, analisa a caminhada em três categorias: motivos, pontos de interesse e funções, a partir de dados de distância, duração e uso do solo. O entorno das rotas foi analisado a fim de se entender a relação entre o ambiente construído e os propósitos de caminhada, para apontar fatores ambientais que influenciam a decisão da caminhada como meio de transporte.

O segundo artigo, de Nina Desenne Sasaki, Ayla Ziger Dalgallo, Ana Luiza Favarão Leão e Milena Kanashiro, “Análise da microescala da caminhabilidade: aplicação do MAPS-Global em um bairro de baixa renda de uma cidade média brasileira”, avalia os níveis de caminhabilidade na microescala do ambiente construído em um bairro da cidade de Londrina, também no Paraná. A avaliação

considerou destinos, usos do solo, infraestrutura e equipamentos de transporte, mobiliário urbano, nível de manutenção das edificações e do paisagismo, continuidade de calçadas, árvores e sombreamento, e infraestrutura de segurança em cruzamentos. A sensação de insegurança foi apontada neste caso, e é o objeto do artigo seguinte.

Silvio Melo Junior, Edja Trigueiro e Robson Canuto avaliam a relação entre propriedades sintáticas do espaço público e a proliferação de indícios de insegurança por meio de revisão bibliográfica e técnicas analíticas experimentais no artigo “O muro e o medo: forma urbana, visibilidade e insegurança em Boa Viagem, Recife”. Este artigo conclui que os estudos morfológicos podem produzir atributos atenuantes da sensação de medo, e contribuir para a fruição das pessoas na cidade e, conseqüentemente, para as relações sociais.

Um espaço urbano específico é a praia, que, no Brasil, tem como característica ser importante espaço de lazer e socialização, democrática em termos de acesso e usos sociais. Ou deveria ser. Em “De separações na cidade a misturas nas praias: investigando padrões socioespaciais e usos de praias em uma capital litorânea”, Lucy Donegan, Stela

Dias de Sá Alves e João Victor Nunes de Oliveira avaliam a relação das práticas sociais, perfis de usos e deslocamentos de lazer com a localização na malha urbana, padrões socioespaciais, redes e mobilidades no uso de praias na cidade de João Pessoa, na Paraíba. Apontam positivamente para uma diversidade de usuários com perfis sociais e geográficos diferentes, sobretudo em praias mais conectadas à malha urbana.

A morfologia urbana na escala da rua está presente no estudo de Renata Priore Lima, que discute o processo de construção da centralidade da emblemática Avenida Paulista em “Centralidades urbanas contemporâneas e a transformação morfológica da Avenida Paulista”. A autora discute os centros lineares e os modelos de desenvolvimento urbano, e a paisagem criada por leis, projetos e planos urbanísticos.

Convidamos os pesquisadores em morfologia urbana a submeter novos artigos à RMU. Este é um canal para consolidarmos os estudos morfológicos de realidades dispares como Portugal, Brasil e Moçambique.

Desejamos a todos uma boa leitura.